

NAS INSTÂNCIAS DO DISCURSO:

uma permeabilidade de fronteiras



Denize Elena Garcia da Silva
(Organizadora)

EDITORA

UnB


OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

A obra representa uma aproximação profícua de pesquisadores de diversas instituições, cujos artigos, em lugar de refletir diferentes paradigmas do pensamento lingüístico, revelam o esforço de cada um dentro de suas áreas específicas na busca de caminhos que favoreçam o ensino do vernáculo e garantam a compreensão do uso da língua como prática social.

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE),
Denize Elena Garcia da Silva (UnB),
Jacob L. Mey (Odense University -
Dinamarca), Maria Carmen Aires
Gomes (UFV), Izabella dos Santos
Martins Mendes (UFMG), Janaina
Minelli de Oliveira (UFMG), Dina
Maria Martins Ferreira (UPM-SP),
Heloísa Marques Miguel (UFG), Ivone
Tavares de Lucena (UFPB), Carmem
Cecília Camatari Galvão (FJMJ), Lillian
Márcia Simões Zamboni (Unicamp/SP),
Gláucia Muniz Proença Lara (UFMS),
Eline Alcântara dos Santos (Uneb),
Maria Francisca de Oliveira Santos
(UFAL) e Cibele Brandão (UnB)

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland



Diretor
Alexandre Lima

Conselho Editorial
Presidente
Henryk Siewierski

Alexandre Lima, Clarimar Almeida Valle,
Dione Oliveira Moura, Jader Soares Marinho Filho,
Ricardo Silveira Bernardes, Suzete Venturelli



OFICINA EDITORIAL
Instituto de Letras - UnB

Conselho Editorial
Aryon Dall'Igna Rodrigues, Germana Henriques P. de Sousa,
Heloisa Maria Moreira de Lima A. Salles, Henryk Siewierski,
Rogério da Silva Lima, Vilma Reche Correa



Denize Elena Garcia da Silva
Organizadora

NAS INSTÂNCIAS
DO DISCURSO:
uma permeabilidade de fronteiras



Equipe Editorial

Rita de Cássia da Silva Pedroso de Albuquerque – *Preparação de originais e editoração eletrônica*

Regina Maria Furquim Freire da Silva e Carmem
Cecília Catamari Galvão – *Revisão*

Roberta Elena da Silva Bocchino – *Capa*

Copyright © 2005 by Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília
SCS, Q. 02, Bloco C, Nº 78, Ed. OK – 2º andar
70300-500 – Brasília-DF
Tel: (61) 3035-4200 – Fax: (61) 3225-5611
www.livrariauniversidade.unb.br – editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
Central da Universidade de Brasília

N241 Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras / Denize Elena Garcia da Silva (Organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília : Oficina Editorial do Instituto de Letras, 2005.
204 p.

ISBN 85-230-0836-5

1. Análise de discurso crítica. 2. Lingüística textual.
3. Sociolingüística internacional. I. Silva, Denize Elena Garcia da.

CDU 801

*Ao meu Roberto e a cada Paulo
da minha vida*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	11
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – DISCURSO E GRAMÁTICA	19
DISCURSO, COGNIÇÃO E GRAMÁTICA NOS PROCESSOS DE TEXTUALIZAÇÃO <i>Luiz Antônio Marcuschi</i>	21
DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS <i>Denize Elena Garcia da Silva</i>	37
DISCURSO, GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA <i>Jacob L. Mey</i>	49

PARTE II – DISCURSO E MÍDIA.....63

**A VOZ E O *ETHOS* MÉDICO-CIENTÍFICO NO TEXTO DE
INFORMAÇÃO PUBLICITÁRIO**

Maria Carmen Aires Gomes 65

**UM CASO DE POLÍCIA: AS REPORTAGENS POLICIAIS EM
DOIS JORNAIS IMPRESSOS BRASILEIROS, ABORDADAS À
LUZ DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO**

Izabella dos Santos Martins Mendes 77

**AÇÕES SOCIAIS DO GÊNERO INFORMAÇÃO CIENTÍFICA
TRANSMITIDA POR MEIO DO JORNAL TELEVISIVO
BRASILEIRO**

Janaina Minelli de Oliveira 87

**PARTE III – DISCURSO, GÊNERO SOCIAL E
IDENTIDADE.....99**

**CONSTRUTO IDENTITÁRIO FEMININO NA BUSCA DO
METAINSTÁVEL: *ENEIDA* DE VERGÍLIO E MÍDIA DA
ATUALIDADE**

Dina Maria Martins Ferreira 101

A CATEGORIA DO TEMPO EM “O CHAMADO DAS PEDRAS”

Heloisa Marques Miguel 111

**A INSCRIÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO DA MÚSICA
NORDESTINA: UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE?**

Ivone Tavares de Lucena 125

PARTE IV – GÊNERO, IDENTIDADE E ARTICULAÇÃO DAS DIFERENÇAS	135
GÊNERO DISCURSIVO ANAMNESE: PRIMEIROS DESVELAMENTOS	
<i>Carmem Cecília Camatari Galvão</i>	137
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CIÊNCIA OU JORNALISMO?	
<i>Lilian Márcia Simões Zamboni</i>	145
SEMIÓTICA GREIMASIANA E ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL	
<i>Gláucia Muniz Proença Lara</i>	155
PARTE V – DISCURSO ACADÊMICO, INTERAÇÃO E COMPORTAMENTO NÃO-VERBAL	167
SUJEITO-PROFESSOR: MULTIPLICIDADE DE POSIÇÕES	
<i>Eline Alcântara dos Santos</i>	169
OS ASPECTOS NÃO-VERBAIS E VERBAIS NA INTERAÇÃO DO DISCURSO DE SALA DE AULA: RESULTADOS PRELIMINARES	
<i>Maria Francisca de Oliveira Santos</i>	179
ESTRATÉGIAS PRAGMÁTICAS NÃO-VERBAIS NO PROCESSO DE VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	
<i>Cibele Brandão</i>	191
COLABORADORES	201

AGRADECIMENTOS

Aos colegas que atenderam à chamada de trabalho para o VI ENIL, brindando-nos não só com a presença, mas sobretudo com a pontualidade na entrega dos artigos, vão os primeiros agradecimentos, pois da resposta concretizada no texto de cada um surgiu este livro.

Além dos colaboradores que assinam os capítulos, três pessoas especiais apoiaram-me durante a fase de organização e montagem: Rita de Cássia encarregou-se da árdua tarefa de formatação e diagramação dos originais, Roberta Elena foi responsável pela parte artística de criação da capa, enquanto Paulo Lindemberg facilitou-me o acesso às ferramentas dos programas de informática, com seu suporte técnico e sua paciência. Os três são meus filhos, razão pela qual meu agradecimento e meu afeto brotam do fundo do coração.

O apoio parcial da Capes e o incentivo do Instituto de Letras da UnB, somados à generosidade da Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos (FINATEC), que não poupou esforços para garantir o sucesso do VI ENIL, representaram o baluarte seguro para as apresentações dos trabalhos de pesquisa, aqui representados nos quinze artigos selecionados.

Entre as pessoas que direta ou indiretamente não mediram esforços para enviar-me apoio incondicional a todo momento, mesmo que de lugares distantes, registro dois nomes: Marcuschi e Benedito. O primeiro, além de colaborador e amigo, é o grande incentivador na escalada dos estudos do discurso. Na sua trilha, segue Benedito Gomes Bezerra,

Agradecimentos

doutorando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UFPE, o responsável pela tradução do artigo de Jacob Mey. Aos dois, que me sensibilizaram pelos gestos de solidariedade, um agradecimento especial.

Agradeço ainda a todos os colegas e alunos do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade de Brasília que auxiliaram na realização do VI ENIL, de modo especial à Maria Christina Diniz Leal, cuja atuação no trabalho da comissão científica foi de um valor inestimável. Meus agradecimentos também à Lúcia Maria Pinheiro Lobato, pois, mais que significar uma presença marcante no evento, contribuiu efetivamente por meio de ações e de palavras de incentivo. Ambas, que nos privilegiam com lições de vida todos os dias, constituem exemplo de compromisso profissional, dedicação, seriedade e elegância na vida acadêmica.

Por fim, o agradecimento a meu esposo e companheiro pelo altruísmo e pela compreensão diante de determinados momentos da minha vida acadêmico-profissional.

Denize Elena Garcia da Silva

PARTE I - DISCURSO E GRAMÁTICA

DISCURSO E GRAMÁTICA: MOTIVAÇÕES COGNITIVAS E INTERACIONAIS

Denize Elena Garcia da Silva

Introdução

Meu propósito, no espaço deste artigo, é expor pontos de vista teóricos que refletem o pensamento de todos aqueles que acreditam na convergência e na congruência, sejam estas de idéias e crenças, ou de teorias que embasam a trajetória da ciência na rota dos estudos da linguagem. Buscar explicitar caminhos de aproximação entre o discurso e a gramática constitui o propósito central do trabalho que tem como escopo apresentar e discutir algumas considerações teóricas que permitem abordar uma concepção de gramática a partir das atividades de linguagem não só como prática social (Fairclough, 1992), mas como um processo do qual emergem estruturas funcionais que permitem apontar uma gramática "natural" da língua (Halliday, 1989). Buscar-se-á destacar sobretudo que nossos discursos resultam da integração de operações sociais, cognitivas e lingüísticas, tal como postula Beaugrande (1997:10).

O ponto de partida das reflexões que agora apresento marca uma postura dentro da análise do discurso vista não só como corrente lingüística, mas, principalmente, como método de estudo. A análise do discurso que enfoca a língua como prática social constitui meu passaporte

teórico e o discurso – concebido como modo de ação das pessoas (sobre o mundo e sobre outras pessoas), bem como forma de representação de significação (que constitui e constrói o mundo), como propõe Fairclough – representa o caminho que me permite uma aproximação ao que se reconhece como “eventos de fala”, como também um acercamento à pérola do(s) sentido(s), contida nos “atos de fala”, estes por sua vez concretizados em uma dada situação contextual, mediante ações orientadas socialmente, as quais respondem pelo processo de criação e re-criação da linguagem de onde emerge, a meu ver, a denominada gramática “natural”.

Nessa perspectiva, em lugar de concentrar esforços na pesquisa das estruturas formais, o que implica limitar qualquer estudo à interioridade de um sistema lingüístico, toma-se a tarefa não menos árdua de sondar a arquitetura da língua a partir de uma série de atos de fala contidos em textos (orais ou escritos). Assim é que um texto, caracterizando-se ao mesmo tempo como evento comunicativo e produto do discurso, constitui por excelência a unidade básica de análise. Em sua materialidade, o texto oral ou escrito permite-nos descrever e interpretar como as pessoas falam ou escrevem em diferentes contextos interacionais ou situações sociais. A escolha da dimensão textual, na delimitação da unidade analítica, direciona o método de estudo dentro da análise do discurso que trabalha com a língua em sua concretude. Como bem observa Marcuschi (2003), busca-se pesquisar as atividades lingüísticas situadas, em lugar de concentrar atenção em estruturas da língua descarnadas de seus usuários.

Na rota das atividades lingüístico-discursivas: o espaço da gramática

Julgo e defendo a idéia de que o uso concreto da língua falada, ouvida ou escrita, configurado nas atividades lingüísticas efetivadas em discurso, constitui o âmbito apropriado para se estudar a gramática (Silva, 2003a). Nesse ponto, encontro respaldo em propostas teóricas oriundas do paradigma funcionalista, tais como a de Paul Hopper (1987) e a de Michael Halliday (1975, 1989, 1994) entre outros. Para Hopper, a língua em uso constitui a fonte da qual emerge a gramática. Postura semelhante assume Halliday (1989), que aponta no uso da linguagem um processo do qual emergem estruturas funcionais. É preciso, aqui, destacar o aspecto de processo no termo “uso”.

Conforme lembra Halliday (1975: 147), a linguagem evolui com a espécie humana e esta começou sem qualquer gramática. De acordo com o referido autor, a forma particular que toma o sistema gramatical

da linguagem está intimamente relacionada com as necessidades pessoais e sociais que a língua tem de satisfazer, razão pela qual sugere que a gramática pode ser compreendida como "sistema de opções disponíveis na língua", sendo que "o falante ou escritor realiza suas escolhas dentro deste sistema, não no vazio, mas no contexto das situações de fala ou de escrita".

Um simples enunciado contextualizado, veiculado em uma sentença, permite-nos aproximar do lado funcional da linguagem. O esquema abaixo, que sintetiza as funções da linguagem propostas por Halliday (1975, 1978), reflete o que está por trás de uma sentença. Vejamos.

- função ideacional, que consiste na expressão do conteúdo, da experiência do falante em relação ao mundo real (incluindo as noções de tempo e espaço) e ao mundo interior de sua própria consciência -> implica transitividade (a sentença como processo - material, mental, relacional, verbal), uma vez que a linguagem estrutura a experiência e contribui para determinar nossa visão de mundo;
- função interpessoal, que consiste na interação entre a expressão dos papéis sociais, o desenvolvimento da personalidade do falante e a expectativa do interlocutor -> concerne ao modo/modalidade (a sentença como ato de fala), servindo para expressar tanto o nosso mundo interno quanto o nosso mundo externo;
- função textual, que consiste na construção e na organização de textos -> envolve tema e informação (a sentença como mensagem), o que permite ao ouvinte/leitor distinguir um texto de um conjunto de orações agrupadas ao léu, porque compreende coesão e ligações com contextos situacionais.

Ao defender que a função constitui propriedade fundamental da língua, Halliday (1994) sugere, em sua Gramática Funcional, que os processos de produção de sentidos aproximam discurso e gramática, uma vez que a sintaxe possibilita o acesso ao acontecimento discursivo por meio da análise que se pode fazer da organização da língua. Nessa perspectiva, a resignificação da sintaxe revitalizada no discurso abre campo fértil de estudos, possibilitando traçar um paralelo entre o real da língua associado à estrutura e o real da história, ou seja, o acontecimento.

A gramática no âmbito da Análise do Discurso

Como já foi comentado anteriormente, a língua em uso constitui o lugar, a fonte em que surge a gramática considerada, aqui, como algo dinâmico que permite explicar as atividades lingüísticas na sua concretude, resultantes das necessidades do falante pertinentes à elaboração do pensamento, assim como às formas de ação, além das formas de representação e significação que constituem e constroem o mundo (interior e exterior de sua própria consciência). Ressalte-se que a lupa da Análise do Discurso volta-se para uma gramática de escolha (paradigmática) que emerge de usos comunicativos. Um olhar nessa direção leva a um escopo analítico que permite enxergar em que medida o discurso molda a gramática e é por ela moldado na continuidade do processo das atividades lingüísticas.¹ É nessa perspectiva que a gramática pode ser vista como um 'observatório do discurso', uma vez que a sintaxe da língua se dá na construção discursiva (Marandin, 1993). Como observa Ferreira (2000), a sintaxe ocuparia, assim, uma posição estratégica, constituindo um ponto de aproximação entre o discurso e a gramática no processo de produção de sentidos, mas não instância única de articulação entre forma e sentido.

Um exemplo da posição estratégica da sintaxe nos estudos do discurso pode ser apreciado na expressão *cadê*. Em estudo recente (Silva, 2003a), procuro mostrar que a referida expressão, ainda que estigmatizada por alguns gramáticos, dá nome, num momento atual de curta duração, a um programa de busca na internet. E o(a) internauta que dele faz uso não imagina, assim como alguns guardiões do idioma, que, sustentando a palavra substantivada na superfície discursiva, encontra-se uma estrutura lingüística submersa cujos sedimentos biográficos estão passíveis de resgate se navegarmos rio abaixo por meio dos tempos. Um breve olhar filológico permite esboçar a possível trajetória de um enunciado interrogativo que, carregando transformações de natureza pragmático-discursiva, sintática, morfológica, morfofonológica, inclusive com apagamentos (morfema zero)², chega a uma forma lexicalizada com razoável parte da carga semântica original, posto que tenha enfrentado uma série de variações, evidenciadas *grosso modo* nas seguintes mudanças:³

- a) Que é feito de Vossa Mercê?
- b) Que é feito de vosmecê/ vossemecê?
- c) Que é feito de você?
- d) Que é de você?

- e) Que é dele/ Que dele?
- f) Quedê/ Quédi?
- g) Cadê?
- h) cadê (forma lexicalizada)

Observe-se que a forma atual guarda em seu bojo a carga semântica (interrogação) do enunciado de origem. Enfocando a sentença primeva como um ato de fala – *Que é feito de Vossa Mercê?*, tem-se uma pergunta modalizada por uma atitude de reverência, concretizada em saudação que expressa um ato de polidez (motivado possivelmente pela personalidade do indagador diante da posição social ocupada pelo interlocutor) cristalizado, por sua vez, na presença da antiga forma de tratamento *Vossa Mercê*. Embora deva ter-se mantido num tempo real de longa duração (período monárquico, imperial e de colonização), tal atitude de polidez começa a desaparecer dessa maneira de cumprimentar, coincidindo, talvez, com a variação semântico-pragmática no uso discursivo da forma do pronome de tratamento *vosmecê* e *vossemecê*. Cabe, aqui, registrar que já no português antigo começou uma variação quanto ao emprego da pergunta dirigida também para referentes inanimados, além de pessoas socialmente e/ou politicamente situadas no *continuum* de mais intimidade a menos intimidade. Esse fenômeno de natureza semântico-pragmática contribuiu, a meu ver, para intensificar o processo de mudança lingüística em nível estrutural.

Estrutura do discurso: padrões recorrentes

Hopper (1987) sugere que a gramática se origina dos padrões recorrentes de discurso. Esclarece o autor que quanto mais útil for uma construção mais ela será estruturada, no sentido de atingir uma consciência textual. Isso evoca as idéias defendidas por Barbara Johnstone (2001: 165), para quem forma e função textuais constituem o resultado parcial de outros textos, incluindo a finalidade a que servem. De acordo com Hopper, a gramática não pode ser compreendida em termos de pré-requisito para o discurso, uma vez que suas formas não são fixadas temporalmente, mas negociadas na interação face-a-face, de modo que refletem as experiências passadas do falante, bem como seus interesses pelo contexto presente, incluindo de maneira especial seus interlocutores, cujas experiências e formas de avaliação podem ser diferentes.

Essa maneira de focar a gramática está ausente dos contextos escolares. Resgatá-la, principalmente para favorecer o ensino do vernáculo, equivale a uma maneira de revestir os estudos gramaticais de um *glamour*, termo original do inglês cujo sentido etimológico remete não só

à idéia de charme, mas principalmente à noção de gramática, considerada como arte de bem dizer. Um discurso que revela engenho e arte equivale a uma operação ditosa realizada de maneira criativa. Uma criatividade que, por sua vez, implica uma questão de posse de um repertório de estratégias para construção do discurso. A propósito, falar de criatividade obriga-nos a rememorar o pensamento de Carlos Franchi, cujo famoso ensaio "Criatividade e gramática" mantém acesa a "necessidade de recuperar, no estudo gramatical, a dimensão do uso da linguagem" (2000:154).

Por outro lado, como bem observa Hopper (*op.cit.*), uma extensão considerável da linguagem do dia-a-dia desenvolve combinações de partes pré-fabricadas. Isso equivale a dizer, sempre segundo Hopper, que a língua pode ser vista como um pastiche, que reúne elementos meio prontos, o que o leva a evocar as idéias de Wittgenstein (1958:120), para quem a língua é para ser enfocada nas palavras, para fora, o que significa ser ela governada não apenas pela internalização mental representada por regras, mas pela preexistência material com que o discurso pode ser criado. Isso evoca a possibilidade de atuação de duas forças na criação do discurso, representadas pelas motivações cognitivas e interacionais, tema que será focado a seguir.

Motivações cognitivas e interacionais

À lingüística que cuida do discurso interessa não só o aspecto funcional da linguagem, mas também os processos de compreensão e produção da linguagem, além de toda uma gama de repertório formal que há nas línguas. Um repertório que se produz em decorrência da interação de diferentes pressões funcionais ou motivações cognitivas e interacionais que geralmente entram em competição, mas não de modo exclusivo, já que podem apresentar uma congruência ou convergência, capazes de promover padrões estruturais que, pela recorrência, tornam-se gerais e, muitas vezes, universais, conforme sugere Du Bois (1985). Algumas motivações cognitivas e interacionais em constante competição costumam levar um grupo, ou uma comunidade, a eleger determinadas formas de falar ou de escrever, gerando um padrão evidenciado no fenômeno da repetição lexical ou estrutural (Silva, 1996).

A meu ver, essas duas dimensões, associadas respectivamente ao processamento (compreensão e produção) e ao caráter dialógico da linguagem, alimentam a possibilidade de uma convergência entre os estudos do discurso e da gramática. Trata a primeira de explicações que envolvem recursos e processos cognitivos que utilizam os interlocutores ao compreenderem e produzirem a linguagem. A segunda dimensão, por

sua vez, concerne à dinâmica das situações de interação em que se produz e se consome a linguagem. Trata-se de duas dimensões que não se excluem. O que mais cabe destacar é que ambas permitem um acercamento à forma. Pode-se afirmar que ambos constituem maneiras de estudo que, na busca à pérola da melhor forma estutural e estruturante da comunicação verbal humana, encontram-se inter-relacionados.

No que concerne a uma parte da dimensão cognitiva, a compreensão, T. Van Dijk (2000:44) esclarece o seguinte:

O processo de compreensão concreto é sempre um procedimento tentativo permanente (*on line*), que permite a reinterpretação contínua. Assim, a análise mental e parcial de um fragmento de texto pode interagir com a ativação e a adaptação contextual de conhecimentos gerais e opiniões na memória.

Para entendermos as motivações cognitivas e interacionais que viabilizam a mesma rota ou direção nos estudos da linguagem, vale destacar, ainda, uma breve reflexão acerca de dois processos conhecidos como ascendente e descendente, enfocados por Van Dijk (2000:44), para quem os processos ascendentes [*bottom-up* ~ de baixo para cima] de compreensão de palavras podem combinar-se com "suposições" abstratas com relação à estrutura esperada de uma oração, de uma narração ou de uma conversa, sendo estas últimas oriundas do processo descendente [*top-down* ~ de cima para baixo].⁴ Observe-se que isso ocorre desde o processamento de uma oração, passando por uma interação dialógica, plasmada na escrita ou concretizada nos atos de fala das trocas conversacionais, até uma página literária ou mesmo uma narração oral espontânea. Em poucas palavras, e sempre segundo Van Dijk, vários módulos cognitivos podem operar ao mesmo tempo para realizar tarefas especializadas, como o processamento das palavras, da estrutura das sentenças, além da coerência semântica, dos atos de fala ou do fecho de uma conversa.

Para finalizar esta seção, ilustro com um poema de Manoel de Barros (1999) uma das muitas maneiras de se apontar a importância da gramática na tessitura do discurso, principalmente no que concerne à produção, instância que coloca em evidência o caráter imanente da criatividade na recriação de estruturas.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.

Comuniquei ao padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito.

Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.

– Gostar de fazer defeitos nas frases é muito saudável, o Padre me disse.

O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para

o resto da vida um certo gosto por nada...

E se riu.

Você não é de bugre? – Ele continuou.

Que sim, respondi.

– Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas.

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncos maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.

Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática.

Marcando um gênero próximo de uma narrativa, o texto-poema evidencia um metaconhecimento das operações cognitivas e uma habilidade em trabalhar a linha discursiva, além de mostrar que o saber gramatical deve vir atrelado à criatividade no uso da linguagem, cuja magnitude se evidencia na dimensão dialógica. No dizer de Bakhtin (2000:282), "a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados que a vida penetra na língua". Manuel de Barros, ao expressar sua maneira de interagir com o mundo exterior, posicionando-se sobretudo em relação às normas prescritivas da tradição gramatical, retrata a realidade lingüística de sua região. Para tanto, seleciona estruturas próprias da língua oral (tal como: *que sim, respondi*), que se distanciam dos padrões clássicos preconizados pela gramática tradicional, ilustrando de maneira cristalina, iluminada por uma sinceridade ímpar, como a vida penetra na língua, o que nos permite apreciar como o funcionamento social da língua se reflete nas estruturas lingüísticas. Eis, pois, alguns dos caminhos que se cruzam no percurso do discurso e da gramática, evidenciando motivações cognitivas e interacionais.

Considerações finais

Nas seções anteriores, procurei mostrar que há várias maneiras de se abordar a gramática sem distanciá-la dos componentes semânticos e discursivos. As atividades lingüísticas contextualizadas, atualizadas nos enunciados concretos, permitem identificar nos processos cognitivos de compreensão e produção da linguagem motivações cognitivas e interacionais que justificam a presença de estruturas que geram a gra-

mática da língua. E é justamente o fato de a gramática constituir uma estrutura cognitiva que a faz ser sensível a uma realidade social que a molda e é por ela moldada na continuidade das atividades lingüístico-discursivas.

Ao final deste estudo, pode-se afirmar que para pesquisar e, em condições propícias, ensinar a gramática de uma língua natural é preciso considerar tanto a dimensão cognitiva quanto a interacional. Isso porque não se pode buscar a interioridade de um sistema desprezando as forças externas que integram o lado sociocognitivo-interacional, responsável maior pela existência da linguagem humana.

Notas

¹ Embora dentro de um escopo teórico distinto da análise do discurso, tal concepção é encontrada também em Maria Helena Moura Neves (2002:173), para quem a gramática além de ser "flexível, porque é ajustável a partir de centros categoriais, ou núcleos nocionais" mostra, na verdade, que "se molda por acomodação, sob pressões de ordem comunicativa, isto é sob pressões discursivas". Ver também Rodrigues Silva neste volume.

² De acordo com Talmy Givón (1979), o processo de mudança de uma forma lingüística envolve ondas cíclicas assim caracterizadas: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonologia > zero. Ver Silva (1999).

³ As formas listadas acima resultam de documentos de língua oral e de língua escrita que venho colhendo desde 2000 dentro do projeto "Configurações discursivas e gramaticais em textos antigos e atuais: a vitalidade das palavras", ligado à linha de pesquisa Discurso e Interação em Contextos Institucionais do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB.

⁴ Cabe, aqui, registrar que os pesquisadores cognitivistas concordam que a compreensão não é um processo completamente *botton-up* [de baixo para cima]. De acordo com Graesser *et alii* (2000: 434), "Não se trata da possibilidade de que a sintaxe inicie e termine o processamento antes que a semântica comece ou que esta se complete antes que os processos discursivos se iniciem".

Referências bibliográficas

BARROS, M. *Para encontrar o azul eu uso pássaros*. Campo Grande: Saber Sampaio Barros, 1999.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3.ed. trad. Maria Ermantina Galvão, ver. trad. Mariana Appenzeler. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (*Estetika Slovesnogo Tvortchestva*, 1979).

BEAUGRANDE, R. *New Foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge of society*. Norwood: New Jersey, Ablex, 1997.

DU BOIS, J.W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. coord. trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. (*Discourse and social change*, 1992).

FRANCHI, C. Creatividad y gramática. *Lingüística*, vol. 12. Brasil: ALFAL, 2000, p.125-174.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GRAESSER, A.C. et al. Cognición. In: VAN DIJK, Teun (Comp.). *El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 417- 452.

HALLIDAY, M.A.K. The place of 'functional sentence perspective' in the sistem of linguistic description. In: DANES, F. (Ed.). *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Academic Publishing House, 1974. p. 43-53.

_____. Estructura y función del lenguaje. In: LYONS, Jonh (Ed.). *Nuevos horizontes en la lingüística*. Madrid: Alianza, 1975.

_____. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da Lingüística*. São Paulo: Global, 1978. p. 125-161. v. 1.

_____. *An introduction to functional grammar*. 2.ed. Londres: Edward Arnold, 1994.

HOPPER, P. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, 13, 1987, p. 139-155.

MARANDIN, J.M. Sintaxe, discurso: do ponto de vista da análise do discurso. In: ORLANDI, Eni (Org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 119-144. (*Syntaxe, discours du point de vue de l'analyse du discours*, 1993)

MARCUSCHI, L.A. Atividades de referenciação no processo de produção textual e o ensino de língua. *In: Estudos de linguagem*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003a. (no prelo)

NEVES, M.H.M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

SILVA, D.E.G. Gramática e contexto na perspectiva tridimensional do discurso. *In: Estudos de linguagem*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003a. (no prelo)

_____. O paralelismo dentro dos processos discursivos e gramaticais na fala e na escrita. *Revista do GELNE*, ano 1, 1999, p. 69-75.

_____. *La oralidad em el discurso narrativo escrito de adolescentes mexicanos: el fenómeno lingüístico de la repetición*. Tese de doutorado em Lingüística Hispânica, México: UNAM, 1996. 195p. (inédita)

TEIXEIRA, M.C.L. O lugar da sintaxe no discurso. *In: INDURSKY, Freda & TEIXEIRA, Maria Cristina L. Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999. p.60-66.

VAN DIJK, T.A. El estudio del discurso. *In: VAN DIJK, Teun (Comp.). El discurso como estructura y proceso*. Barcelona: Gedisa, 2000. p. 21-65.

COLABORADORES

Carmem Cecília Camatari Galvão
Professora da Faculdade Jesus, Maria e José – Taguatinga (DF)
Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Cibele Brandão
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da UnB

Denize Elena Garcia da Silva
Professora do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula
da Universidade de Brasília – UnB
Doutorado em Lingüística Hispânica pela Universidad Nacional Autónoma
de México – UNAM

Dina Maria Martins Ferreira
Professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade
Presbiteriana Mackenzie (SP)
Doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Colaboradores

Eline Alcântara dos Santos

Professora do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Mestrado em Lingüística pela Universidade de Brasília – UnB

Gláucia Muniz Proença Lara

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral pela Universidade de São Paulo – USP

Heloisa Marques Miguel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiânia – UFG

Ivone Tavares de Lucena

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa

Izabella dos Santos Martins Mendes

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Jacob L. Mey

Professor Emérito da Universidade do Sul da Dinamarca, Odense

Doutorado em Filosofia pela Universidade de Zaragoza, Espanha

Janaína Minelli de Oliveira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Lilian Márcia Simões Zamboni

Consultora Legislativa do Senado Federal – Brasília (DF)

Doutorado em Lingüística pela UNICAMP

Luiz Antônio Marcuschi

Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Doutorado em Filosofia da Linguagem pela Universidade de Erlangen-Nürnberg, Alemanha

Maria Carmen Aires Gomes

Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – UFV

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Maria Francisca de Oliveira Santos

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE



Dupligráfica Editora
SIG/Sul Qd. 08 n° 2396 - Brasília/DF
Fone: (61) 3344-1918 - Fax: (61) 3344-1924
e-mail: dupligráfica@terra.com.br

**OUTROS LANÇAMENTOS DA
EDITORA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

Minhas cartas e as dos outros

(volumes 1 e 2)

Carlos Lacerda

A crise do modelo francês

Denis Rolland

**Agrotóxicos: mutações, câncer &
reprodução**

Cesar Koppe Grisolia

Introdução à cinemática relativística

José de Lima Acioli

Novos estudos sobre línguas indígenas

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Simmel e a modernidade

(2.^a edição)

Jessé Souza e Berthold Öelze

(Organizadores)

**A pós-graduação no Brasil: formação
e trabalho de**

mestres e doutores no país

(volume 1 - 2.^a edição)

Jacques Velloso (Organizador)

**Psicologia e conhecimento: subsídios
da psicologia do desenvolvimento
para a análise de ensinar e aprender**

Maria Helena Fávero

Itinerários de Barbara Freitag

Sergio Paulo Rouanet, Nair Heloisa

Bicalho de Sousa e Maria Francisca

Pinheiro Coelho (Organizadores)

Nas instâncias do discurso: uma permeabilidade de fronteiras compreende cinco partes. A necessidade de uma mudança de perspectiva na relação entre discurso e gramática, acentuada pela preocupação decorrente de questões voltadas para o ensino gramatical, equivale ao fio central que enlaça três artigos reunidos na primeira parte. As reflexões que tomam como objeto de análise textos veiculados na mídia marcam a segunda parte do livro, composta por três estudos, cujos autores dialogam com teorias críticas que enfocam o discurso como prática social. Ao mostrar que a língua é atividade estruturante e constitutiva, três artigos configuram a terceira parte, que envolve questões de natureza semântica e de cunho ideológico plasmadas no discurso literário. Seus autores, além de mostrarem que lingüística e literatura não se excluem, colocam em evidência não só valores políticos, inseridos em contextos sócio-históricos, mas também questões que envolvem gênero social e identidade. Em favor de uma política de representação, diferentes discussões sobre gênero discursivo, fortalecidas pela busca de articulação de diferenças epistemo-lógicas, perpassam os artigos da penúltima parte. Ilustrando ainda a permeabilidade de fronteiras que delimitam as instâncias do discurso, três artigos conformam a parte final. São reflexões de pesquisas que se estendem desde a multiplicidade de posições do sujeito-professor até as facetas que envolvem o comportamento verbal e não-verbal, presentes na dinâmica de interação em contextos acadêmicos.

CÓD. EDU 387495

ISBN 85-230-0836-5



9 798523 008368